

ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



DIRECTOR
SERIE II C. MALHEIRO-DIAS Nº 31

CHRONOMETRO



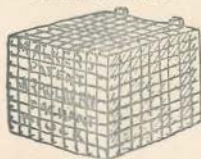
ZENITH

O melhor relógio em ouro, prata e aço. O unico que em dois annos con- seguiu impor-se a todas as outras marcas.

NESTLÉ
 FARINHA LACTEA
 32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agrícola de Lisboa
Preço 400 réis

Saneamento, Rapido, Facil, Efficaz, Ba- rato e Agradavel

PELO
Walkers CARBOLACENE
 PREPARACAO LIQUIDA



A' venda nas principaes drogarias e pharmacias
DEPOSITO GERAL
 30, RUA DA BOA VISTA, 32
 LISBOA



CASA ESPECIAL DE CAFÉ DO BRAZIL

A. Telles & C.

Rua Garrett, 120 Chiado, LISBOA - Rua Sá da Bandeira, 71, PORTO

TELEPHONE N.º 1.435

Café especial de Minas Geraes (Brazil)

Este delizioso café, cujo aroma e paladar são agradabilissimos, é importado directo- mente das propriedades e engenhos de Adriano Telles & C., de Rio Branco, Estado de Minas Geraes e não contém mistura de ne- queo alguma. Todo o comprador tem di- recto a tomar uma chavena de café gra- tuitamente.

A NACIONAL



Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Capital 200.000\$000 réis

Seguros de vida inteira, Temporarios, Mirtos, Prazo Fixo, Combinados e Supervivencia, com participacão ou sem participacão nos lucros da Companhia,

Capitales differidos e Rendas vitalicias immo- diatas, differidas e temporarias.

Agencias nas cidades e principaes villas do paiz.

Para informacões e tarifas dirigir-se á sede:
Praça do Duque da Terceira, 11, 1.º

LISBOA

Telephone 14671

Endereço telegraphico «Lanoican»

IGNEZ DE CASTRO



Alta noite. Pequena alcova, no paço real de Coimbra, escassamente allumiada por uma lanpada de ferro. Semina, os cabellos curros derramados pelo travesseiro, Iynez de Castro acaricia e espreguiça com fadiga o seu delicado corpo. De quando em quando, o luar aviza as côres mortas do vitral.

IGNEZ (sentando-se no leito, e tirando de cima do vedador um ramalhete de malmequers:)

Como a lua vae alta, e eu ainda acordada!
Já cem vezes cerrei os olhos, mas apenas
Os cerro, logo chega uma bocca adorada
Que reabrir-m'os vem com osculos de pennas...
Em vão rógo e supplico á alma que se quede,
Que me deixe dormir o tempo d'um gemido;
Não me quer escutar, e a' chilrear impede
—Que o somno reconforte o meu corpo abatido.
Qual doce mãe falando ao filho espertinado,
A'vêr se a calo emfim, prometto-lhe mil prendas,
Mas a' tonta não me ouve, e volvido um bocado,
Sou eu que estou a ouvir seus contos e legendas...

(Começa a desfolhar um malmequer:)

Mal me quer... bem me quer... Cada petalasinha,
E' d'um insecto da lua a aza argentina e pura...
Mal me quer... bem me quer... não ha flor de farinha...
Mal me quer... bem me quer... de tão lactea brancura...
Quando a petala diz: *bem me quer*, nos meus dedos
Qual gôta de diamante, em fogos mil delira:
E a que diz: *mal me quer*... no ciciar dos segredos
Accrescenta: *perdão! o que eu disse é mentira!*
Mal me quer... bem me quer...

(Voltando a cara para o lado:)

Desvio o olhar da flor,
Para a' surpresa ter do que ella me disser...
Mal me quer... bem me quer... que ancoi! que temort
Mal me quer... bem me quer... mal me quer...

(Arrancando a ultima petala:)

Bem me quer!
Quer-me bem, quer-me bem, o principe que adoro,
Esse que em sonhos vejo entre um radiar de gemmas,
E a quem do meu cabelo um debil fio louro
Tolhera as fortes mãos que espedaçam algemas!

(Pequena pausa)

Como isto foi, não sei...
Ha tempo, ha muitos mezes,
Comecei a sentir um grande sobresalto...
Tudo me andava á roda... emmagrecia... e ás vezes
Julgava-me a cair d'um castello bem alto...
Passava todo o dia em parda somnolencia,
Velava toda a noite em crueis aniedades,
E n'essa agitação, par'ciam-me—demencial
As realidades sonho, e os sonhos realidades!
Distraida, ao bordar, picava-me na agulha,
E os meus dedos então bordavam flôr's de sangue.
Estremecia toda á mais pequena bulha,
D'uma folha ao cair, ficava logo exangue...
Vendo, mal me deixava, alguém que se occultára
Aqui, p'ra me matar, e me espiava quedo,
Encolhia-me toda e mergulhava a cara
Nos virgineos lençoes, transidinha de medo
Passeando, atraz de mim ouvia sempre passos,
Mas não via ninguem ao voltar-me depressa...
De fatigada mal podia com os meus braços
E das traças ao peso, inclinava a cabeça.

Uma noite, porém, na loucura d'um sonho,
 Achei-me n'um vergel todo verde e florido,
 Onde um fulvo dragão, deslumbrante e medonho,
 Minha nudez guardava, a meus pés estendido. . .
 Sua fauce era um abysmo hiante, de rubins,
 Tinha o dorso febril cheio de aureas escamas,
 E mal a viração passava entre os jasmims
 Rugindo, fauce e olhar enchiam-se de chammãs!
 Na herva clara e teura, a prata das nascentes
 Borbulhava e corria em fulgidos delirios,
 E borboletas mil de asas phosphorescentes
 Espalhavam no ar o balsamo dos lirios.
 Cantando, os rouxinoes, de loureiro a loureiro,
 Atiravam cordões de perolas divinas,
 De rosal a rosal, de craveiro a craveiro,
 Oscillavam festões das essencias mais finas. . .
 Brilhavam tanto as flôr's p'lo orvalho humedecidas,
 Ao ceruleo fulgor da lua no apogeo,
 Que a relva côr do mar, cheia de margaridas,
 Era qual manso lago a reflectir o céu.
 Como se p'ra morrer tivessem estado á espera
 Que eu fosse para ali, pelos canaes profundos
 Que dormiam, sonhando, entre paredes d'hera,
 Cantavam docemente os cysnes moribundos. . .
 Mas no meio d'estal fragrança e claridades,
 Andava-me a cabeça em amargosos giros;
 Apertava-me a alma um anel de sandaes,
 E a garganta de gelo um rocal de suspiros!
 Desesperada emfim de vér chegar o Amante,
 Que ao raivoso dragão me devia roubar,
 Erguendo as puras mãos, humilde e supplicante,
 Pela Morte chamei com dorido bradar!
 De subito, porém,—que maravilha!—ouço
 O proximo trotar sonoro d'um ginete,
 Que fogoso conduz um lindo e esbelto moço
 Com plumagens azues no alado capacete.

— «Venho buscar-te, Iguetz!»

E o gladio acaçalado,

Qual ruiva labareda, explende em sua mão;
 Mas de subito—horror!—n'um remoinho abrasado,
 Cavalleiro e corcel, devora-os o dragão!
 Começando a chorar, mais pallida que a lua,
 Vejo, n'um halo astral de ardentes tremulinas,
 Outro moço gentil, brandindo a espada nua,
 E trazendo um cocar de plumas purpurinas.

— «Venho buscar-te, Iguetz!»

Sua loira cabeça

É um astro que, do céu, doirar-me toda vem,
 Minha nudez o excita! e eu-o que se arremessa
 Contra o fero dragão. . . que o devora também!
 Cresce o meu soluçar, o meu pranto redobra,
 E colericamente o monstro carnicieiro
 Ruge como um leão, silva como uma cobra,
 Ao vér approximar-se um novo cavalleiro.

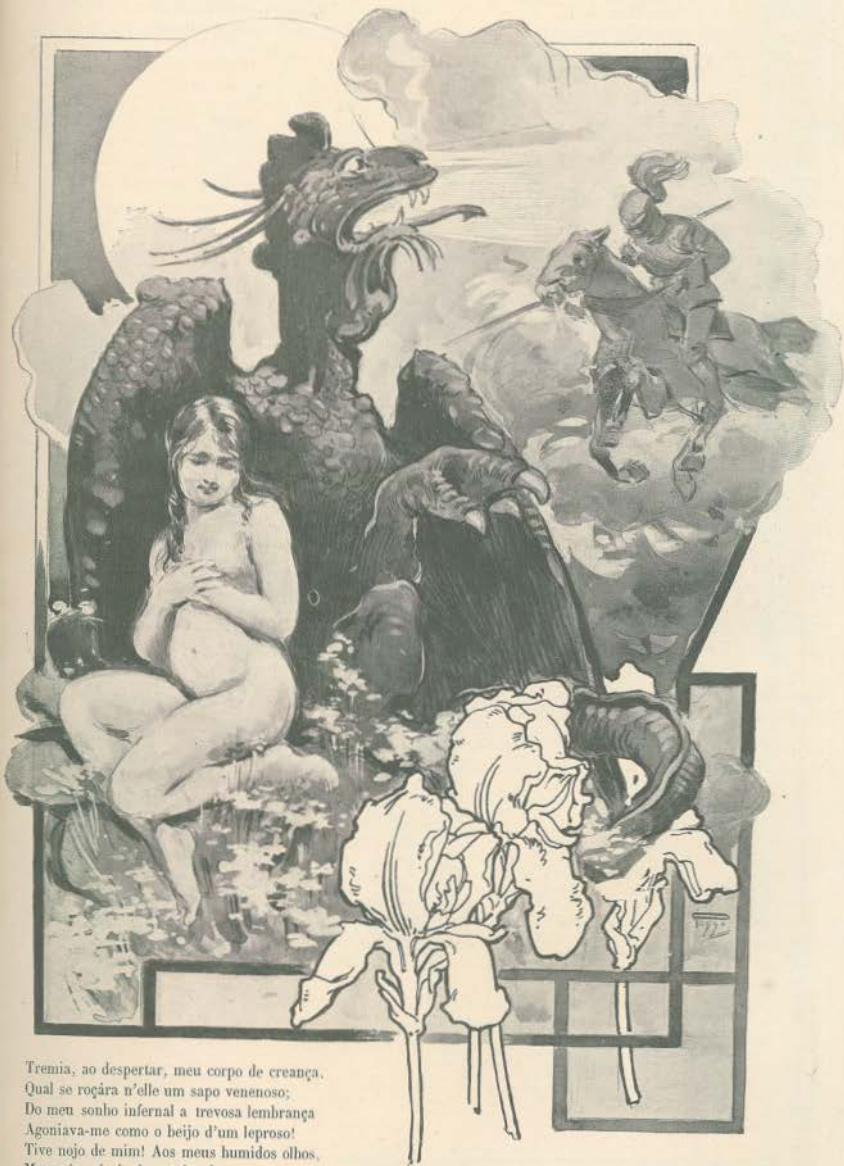
O cavalleiro é Pedro!

Em correria louca,

Sobre negro cavallo, a clara lança enrista;
 Negras as plumas são da cimeira que o touca,
 Negro o manto, que prende um broche d'amethysta.
 Ruge e silva o dragão. Seus olhos cospem brasas,
 Abre a fauco cruel, purpureo sorvedeiro,
 E hate ameaçador co'as metalicas asas,
 Errigando, feroz, suas escamas d'oiro.
 Mas Pedro então, n'um gesto esplendido e fugace,
 Vara-lhe o coração! e em estremeções febris,
 O monstro d'oiro cae, como se ali estoirasse!
 Um sacco a trashedor d'aureos maravedis!

(Pequena pausa)

Tinha afagos d'arminho o ar luminoso e brando,
 E era tal o fulgor d'astros e pyrampos,
 Que, ao longe, os aldões a descantar, julgando
 Que estava a amanhecer, partiam para os campos. . .
 No entanto o Vencedor, n'um hesitante andar,
 Acercou-se de mim com timorato aspecto,
 E logo o coração começou-me a pulsar
 Em tão doido bater, que me aleijava o peito.
 Para chamar por mim, o Príncipe escolhia
 Nomes d'aves gentis, de fructos e de flôres:
 — «Lindo collo de garça!» assim elle dizia,
 «Vem comigo viver n'um paiz d'extremozes!»
 Calçou-me os alvos pés com chapins de crystal,
 De lucios d'oiro euehen-me a esparsa trança,
 E o corpo me vestiu com uma tunica astral
 Que podia passar n'um anel de creança. . .
 Enquanto me vestia, a mão do meu Senhor,
 Sua mão varonil, tremia de assustada,
 Qual se fôra colher a levissima flôr,
 Que amor dos homens é pelas mulher's chamada.
 Amparando-me o corpo em seu braço amoroso,
 Por cantantes jardins balsamicos levou-me,
 E como quem degusta um pomo delicioso,
 As palpebras cerrava, ao pronunciar meu nome. . .
 Era tão doce o andar em que iam passando,
 Que, dos vastos jardins p'las ruas olorosas,
 Me julgava dormindo á flôr d'um lago brando,
 N'um viçoso batel afogado de rosas. . .
 Penetrámos emfim n'uma gruta encantada,
 E tremulos, ali, nossas bocas unindo,
 N'uma doce attracção vehementemente e tresloucada,
 Sentimo-nos morrer. . . morrer de gôso infindo. . .
 Na abobada da gruta a apaixonada voz
 Dos nossos musicaes, lentos beijos d'amor
 Echoava com tal som, que nos par'cia a nós
 Ouvir cantar no céu os Anjos do Senhor. . .
 Como alma que, deixando o carcere mortal,
 Dos celestes jardins os doces fructos prova,
 Abalava-me toda um prazer sem igual. . .
 Mas, subito! acordei. . . e achei-me n'esta alcóva!



Tremia, ao despertar, meu corpo de creança.
 Qual se roçara n'elle um sapo venenoso;
 Do meu sonho infernal a trevosa lembrança
 Agoniava-me como o beijo d'um leproso!
 Tive nojo de mim! Aos meus humidos olhos,
 Meu seio, virginal canteiro de açucenas,

Appareceu-me então coberto de piolhos,
De lama, ulcerações e putridas gangrenas!
Como pudéra eu, que tinha revestido
De innocentes jasmims o ingenuo coração,
Como pudéra eu, no meu sonho incendiado,
A negra trama urdir d'essa abominação?
Como pudéra eu trahir, inda que em sonhos,
Quem fôra para mim sempre tão boa e mansa,
Quem sempre para mim tinha os labios risonhos,
O olhar cheio de paz e as mãos de confiança?

Ergui-me a soluçar, tonta e fria de neve!
E aíl ao espelho cri vér minha fronte virgínia,
Manchada p'los signaes que a todos, muito em breve,
Haviam de contar minha treda ignominia!
Tocava para a missa... E o sino, rudemente,
Com voz de pae que expôra a deshonrada filha,
Dizia-me: «*Anda, vaet para que toda a gente*
«Leia na tua cara a infamia que te humilha!»
Tocou segunda vez! Minha afflicção crescia,
Retalhando-me o seio, e quebrando-me os ossos;
Eram vestes de fogo os liulos que eu vestia,
Meu ligeiro collar, um collar de alvoroços!
Tocou terceira vez... Parti em doidos passos,
Entreí na igreja obscura e fria, mas então
O Christo despregou da cruz um dos seus braços,
Assignalou-me... e fez um gesto d'expulsão!
Minhas fontes de jaspe eram vivas cascatas
De gelado suor; meus olhos doloridos
Viam tudo a dançar, luzes e columnatas;
Quiz erguer-me do chão... e caí sem sentidos!

Muitas horas depois, à minha cabeceira,
Quando voltei a mim por noite morna e clara,

Vi que a minha gentil, solícita enfermeira
Era a santinha que eu, sonhando, atraíçoára!

(Pausa)

Como aroma subtil em destapada urna,
Dos sonhos a memoria extingue-se depressa...
Mas como em fragil busio a voz do mar, soturna,
D'aquelle sonho a voz endoída-me a cabeça!
Foi vão tudo o que fiz para deixar de ouvir-a,
De continuo lhe escuto a alliciante fala,
Que me enthusiasma agora, e logo me anniquila,
Que ao mesmo tempo me acarinha e me apunhala!

(Com exaltação crescente)

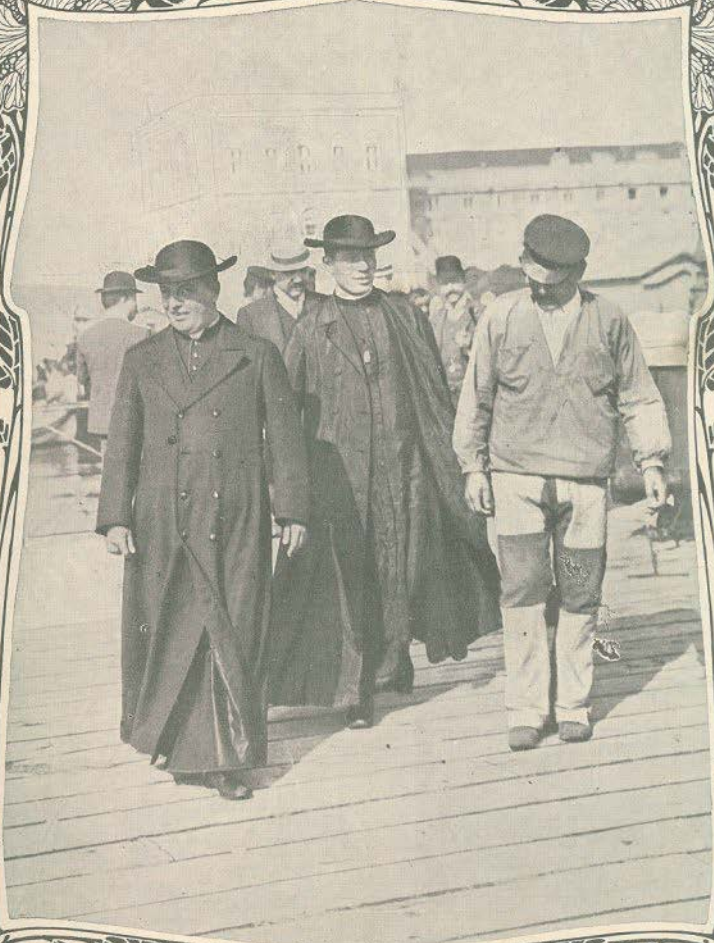
Voz divina e infernal, formada pelos cantos
D'uma sereia loira e d'um anjo d'olhos verdes,
Aperta-me na rede azul dos teus encantos,
Não pares! vibra! embora eu saiba que me perdes!
Não pares! vibra! vibra! exalta, assopra a chamma
D'este violento amor, d'esta paixão sem par!
Vibra! languida voz, e em meus labios derrama
O antegoso febril dos beijos que hei de dar!

Pois que é uma villeza, inda eu fugir podia
A este insensato amor que se encapella e estua;
Mas não ha resistir-lhe! e em breve qualquer dia,
Hei de possuil-o todo, e hei de ser toda sua!
Se o remorso me afunda, o doido amor me eleva!
Alta gigante sou: em languidos anholos,
Ao passo que no Inferno os meus pés calcam treva
As estrellas no Céu prendem-se aos meus cabellos!

Coimbra, 1898.

EUGENIO DE CASTRO





UM NAUFRAGO DO "SIRIO"!

O Arcebispo do Pará, D. Antonio Marcando Homem de Mello

O vapor inglês "Thames", que no dia 11 entrou no Tejo, conduzia em viagem para o Brasil o sr. Arcebispo do Pará, um dos sobreviventes da catástrofe do "Sirio", afundado no dia 4 de agosto nas costas de Hospitana, n'um baio próximo do cabo Palos. O illustre prelado brasileiro regressava de Milão à sua archidiocese na companhia do bispo de S. Paulo e só dava a vida a um verdadeiro milagre, quando já, extenuado de lutar com as ondas, ia a perder o derradeiro animo e as derradeiras forças. O ia cressante instante em que hoje publica a *Illustração Poringuesa*, é tirado no momento em que o sr. Arcebispo do Pará regressa a bordo do "Thames", em companhia do seu secretario.

[CLICHÉ DE BERNOLINI.]



ADOLFO RODRIGUEZ CASTANO

FADO

f
 10
meno
dim... pp
 2a
 Fim
 & Fado.
 ao principio sem repetir. al

ARMORIAL PORTUGUEZ

PAR
H. C. AMADO



Aranha

Aranha. Em campo azul um choveirão vermelho, cotado de ouro firme no escudo, entre tres flores de lis do mesmo metal, e no alto de chaceirão um escudete de prata carregado de uma banda vermelha com tres aranhas de ouro.

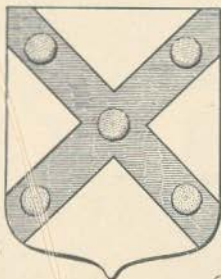
Timbre: Uma das flores de lis.



Arnau

Arnau. Em campo de prata, seis leões negros, armado de sanguinha, postos em duas palas.

Timbre: Um leão do escudo.



Araujo

Araujo. Em campo de prata, uma aspa azul carregada de cinco besantes de ouro.

Timbre: Um moiro, vestido de azul, sem braços, com um capello de cacia na cabeça.



Arraes

Arraes. Em campo vermelho, nove folhas de golfo do ouro, com os pés para baixo, postas em tres palas.

Timbre: Um arraes nu e nascente com um ramo de ouro ás costas.



Local onde cauiu morto. sr. Rodrigo Correia Henriques (Seisal), vítima de um tiro da propria espingarda ao saltar um vallado em Valle de Milho, proximo de Cintra, na manhã de 3 de setembro

31 LA LX



DO OMNIBUS AO AUTOMOVEL

Ir no omnibus até Bomfaca, passar lá um dia, e voltar, era muitas vezes um romance.

Partia-se do Pelourinho, de manhã cedo, p'la fresca. Ainda a essa hora não havia lojas abertas, nem sequer se sonhava o que pudesse vir a ser a garotada dos jornais d'agora, a correr e a gritar o *Seculo!* e o *Illustrado!* por todas as ruas e travessas da Baixa, logo ao romper d'alva.

Era preciso chegar sempre primeiro, para se arranjar lugar. Tomava-se bilhete com muita antecedencia. Faziam-se madrugadas. Deitava-se a gente mais cedo na vespera, para poder saltar da cama sem grande custo ás cinco horas da manhã, cinco e um quarto. Se o passeio estava destinado para o domingo, por exemplo, todo o dia de sabado se passava a preparar o farnel. Matavam-se duas gallinhas, e assavam-se. Espreitava-se a peixeira que trouxesse maior savel e mais fresco, cortavam-se-lhe as postas quanto mais delgadas melhor, e frigiavam-se muito bem, até ficarem quasi torradas as suas muitas espinhas, tão boas de trincar. Faziam-se duas duzias de frituras de bacalhau, deitado de molho já na sexta-feira, misturando-se-lhe muita cebola e muita salsa picadas o mais possível, um nadinha de nós moscada, pimenta mais que de costume, e duas gemmas de ovos tambem a mais.

O dono da casa, quando á tarde voltava do Ministerio, ia logo direito á cozinha para saber o que se tinha feito, abria o forno do fogão á procura das gallinhas que alouravam e reluziam do pin-

go das enxundias, admirava as postas do savel, ia metter o nariz na frigideira onde espirravam as frituras, cheirava, fungava, achava tudo delicioso, e aproveitava sempre o momento em que a esposa e as filhas estivessem lá para dentro, para lisongear a cozinheira com um beliscão n'um quadril.

Suspensa de dois dedos por uma laçada de cordel, trazia uma surpresa tambem destinada ao passeio. Era um pacotinho muito bem feito, de papel cor de rosa, parecendo proveniente do loja de confeteiro. O que seria, o que não seria, mas só no dia seguinte se saberia o que era. E para que alguém mais curioso se não lembrassem de desfazer o embrulho, surretamente ia mettê-lo n'um dos esconderijos da mesinha de cabeceira!

Por volta das nove horas, o mais tardar, já tudo estava em valle-de-lençoes, marido e mulher costas com costas, e cada uma das filhas, e o menino, e a creada, cada qual na sua cama feita do lavado por ser sabbado, tudo com o nariz voltado para a parede, e os olhos muito apertados a chamar o somno mais depressa...

Somno que vinha, passava e chegava ao fim



n'um abrir e fechar d'olhos, para bem dizer. Sonno sem sonho, leve, de sobresalto na realidade, a inquieta realidade d'uma grande ventura que vem perto, d'um vivíssimo prazer que é certo e que não tarda.

Então se acordava, como se havia adormecido, com a alma aos saltos. Tudo era vivacidade, risota e chilreada.

Deitando a cabeça de fóra da porta do seu quarto, o menino Pedro era o primeiro a chamar pela Dometília pedindo agua no jarro. E a Dometília, quando apparecia no corredor, saindo da cozinha, onde estava a pentar-se, e a mirar-se só com um olho no espelhinho redondo pendurado no caixilho da vidraça corrida já para cima, vinha já com a sua cuija feita toda crivada de ganchos, a sua saia branca muito engommada e de immensa roda já vestida, a sua bota nova de rangedeira já calçada...

Diz-se que ninguem esfrega um olho mais depressa que o Diabo. Pois, mais depressa que o Diabo esfrega um olho, estavam todos promptos, e todos cá em baixo, na rua, de nariz no ar, a sorver as frescuras da manhã, a caminho do sitio d'onde partia o omnibus. Se fossem a direito, em dez minutos estariam lá sem ser preciso correr; mas estava combinado que passassem por casa das Mellos, associadas á patuscada, para seguirem todos juntos. E como as Mellos moravam no Largo dos Torneiros, tinha-se de dar aquella volta, que levava mais tempo.

Emfim, chegava-se! Mas quando se chegava, já os do alegre rancho não eram os primeiros. Outros, mais madrugadores, haviam chegado antes, e tinham tomado os cantos, que eram os melhores logares.

Um d'esses era o Senhor Fortes, subordinado do nosso amigo Oliveira na Conservatoria, rapaz muito sério, ottimo funcionario, pessoa de estimação. Mal reconhecia o seu chefe e sua familia, levantava-se do seu logar, vinha offerecer a mão ás senhoras para as ajudar a subir. A esposa do Oliveira e a mãe das Mellos, já bastante pesadas, agradeciam immensamente, e agarravam-lhe a mão com quantas forças tinham, porque o estribo do omnibus ficava a meio caminho do céu, e pôr-lhe o pé em cima era obra! As meninas, essas, só para não passarem por malcreadas, pousavam nos dedos d'elle as pontas dos seus dedos; e, muito léstas, saltavam para o carro com a graça de coelhas que rotoçam na erva.

Quando todas estavam em cima, e o Pedrinho e a Dometília, e o nosso amigo Oliveira, por sua vez, subia, procedia-se ás apresentações. E logo

corria entre as senhoras, muito discretamente, como de mão em mão fechada corre um anel de jogo de prendas, a opinião de que o Senhor Fortes era «um rapaz muito sympathico». E era.

Já então o cocheiro do omnibus—o Eleuterio ou o Augusto, o Meça ou o Pingalho—dava a ultima demão ao arranjo das costas e dos saccos, dos pacotes e embrulhos acomodados sobre a cobertura. Feito isso, ia passar uma vista d'olhos ao redor do gado, apertar mais uma fivela dos tirantes, ageitar os antolhos a um dos cavallos, desembrasar a ra-beira a outro. E depois que tudo estava na apurmada, saltava para a almofada, puxava a si as redessas, pespegava de encontro á concha as solas das enormes botas de couro

branco, de salto e capora de prateleira, sacava do descanco e fazia estalar com bem repuxada energia o chicote de cabo de marmeleiro por cima das orelhas afitadas dos cavallos, que logo arrancavam a bom trote, arrastando consigo todo aquelle ruído bambalhar de ferragens mal unidas, de molas perras, de eixos mal azoitados, que era o omnibus da companhia, rolando sobre a calçada aspera das ruas da cidade... E os que ficavam em casa, e ainda estavam na cama, aferrados á modorra

da manhã, nunca chegavam bem a adinar com o que aquillo era: se um terramoto, se a proceissão do Ferrolho!

Faziam parte integrante do omnibus o cocheiro e o conductor, duas creaturas em tudo oppostas.

O cocheiro era gordo, vermelho, falador e alegre; o conductor era magro, amarelento, de poucas falas, tristonho.

O cocheiro, que não podia ir n'outro logar que não fosse á frente, só olhava para deante, para o futuro, para o imprevisto, confiante e ouzado; e a sua conversa com os dois passageiros que ao lado d'elle iam tambem na almofada, e com aquelles que, por cima d'elle, n'um outro plano, occupavam o banco que havia sobre o tejadilho, era sempre conversa de quem amava o risco e a aventura. Filho de batedor, nado e creado na roda dos batedores de grande fama, que eram ufania de Lisboa por meados do outro seculo, ninguem como elle descobria o pittoresco d'uma boa batida de



O char-a-bancs

sege para Cintra em esturdião de fidalgos e tafulas, ferindo fogo por essa estrada fóra, estacando só na Porcalhota ou Cacem para desaguar as bestas; ninguém como elle faria a troça impiedosa das velhas seges de boleia de duas rodas e das traquitanas de quatro, com as suas cortinas de couro e envidraçadas ao alto, o alcapão que servia de guarda-lama, e a tranca que o bolieiro sacava da caixa e mettia sob os varões para dar descanso aos cavallicoches...

O conductor, esse, por ter de ir sentado na trazeira do omnibus a tomar tento nos passageiros que entravam ou que saham, só olhava para o passado, para o que ia ficando para trás, para o caminho que já se fóra andando: e, ora amolgado pela melancolia que dá a demorada contemplação d'uma paisagem que

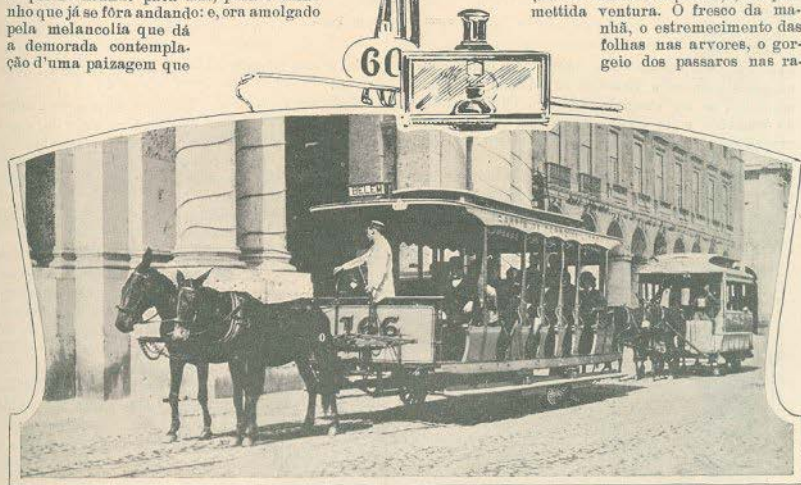


Dentro do omnibus, entre os passageiros, já ahí pelas alturas de S. Sebastião da Pedreira (onde havia paragem para engatar as deanteiras), reinava o mais cordial convívio e o falatório ia animadíssimo.

Amigo Oliveira punha Fortes o mais á vontade possível, afirmando-lhe muita estima extra-official; e Fortes, muito apertado

entre o chefe e a sua filha mais velha, quanto mais estreitinho se fazia, menos cabia em si de contente...

Mal passadas as Portas, dir-se-hia que para o Fortes, para a filha mais velha do Oliveira, e para o Oliveira, toda a vida se lhes mostrava sob uma nova feição de amavel esperança, de prometida ventura. O fresco da manhã, o estrequecimento das folhas nas arvores, o gorjeio dos passaros nas ra-



O carro da Luzitana — O americano antigo

não muda, e que quanto mais se prolonga mais vaé sendo a mesma; ora amachucado pela somnolencia que tanto accomette nas subidas as alimarias que puxam o carro como os contemplativos que vão dentro d'elle — não havia meio de lhe arrancar uma historia, nem um conceito, nem uma palavra!

marias altas, a brisa, que trazia consigo o perfume das madresilvas debruçadas sobre os muros das quintas; e a lentidão das quatro pesadas rodas do omnibus tornando docemente infinita a caminhada, proporcionando aos passageiros esta grata intimidade que só resulta dos longos e affaveis convívios, dando tempo a bem se conhecerem pes-

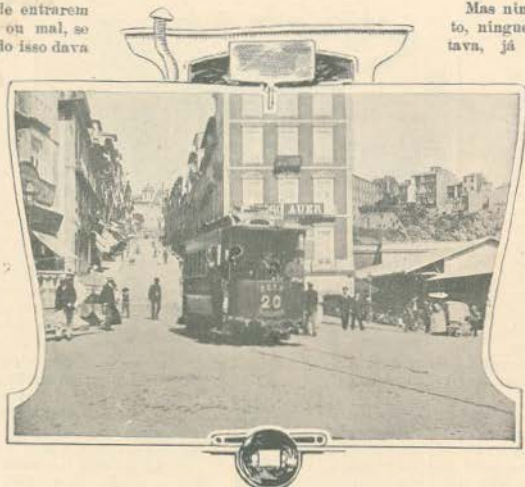
soas que antes de entrarem no carro nunca, ou mal, se tinham visto—tudo isso dava sensibilidade e concorria para estados de alma de que o namoro pegado era causa naturalmente indicada como conseqüente e fatal, sempre que se dessem circunstâncias identicas aquellas em que iam o Fortes e a filha mais velha do Oliveira—que não pensavam n'outra coisa!

«Devagar que tenho pressa» parecia ser a divisa dos omnibus da Companhia. Em menos de duas horas chegava o carro a Bemfica. E toda a gente tinha pena de se ter chegado tão cedo. Dizia-se adens ao cocheiro e ao conductor quasi com os olhos marejados de lagrimas e um nó na garganta. Comovia.

«—O meu embrulho? Onde está o meu embrulho?» perguntava de repente o Oliveira, assustado com a idéa de ter deixado ficar em casa o embrulho.



O carro electrico de Madrid



O carro electrico do Porto

Mas ninguem o tinha visto, ninguem sabia onde estava, já todos attestavam que elle não tinha trazido, quando a mãe das Mellos, que ainda não pudera apor-se por ter as pernas dormentes, vinha lá do fundo do omnibus com o pacote de papel côr de rosa todo esbarrachado, na mão:

«Será isto, ó Senhor Oliveira?»

Era, sim, minha senhora! Mas em que estado...

Duzia e meia de pasteis de

nata, e ella sentada em cima d'elles desde o Pelourinho!

Tudo era festa. O dia, memoravel, decorria entre alegrias. E a volta no omnibus, ao cair da noite, com um fiosinho de luar, a chiadeira das cigarras pela estrada fóra, e o pedido da filha mais velha do Oliveira em casamento, pelo Fortes, rematava o goso inexprimivel.

Não ha bem que sempre dure, nem mal que não acabe.

Acabou a Companhia dos Omnibus, que era um grande bem. Vieram depois os carros Ripert, os carros americanos, os carros do Florindo, os do Salazar, os do Jacinto, os da Luzitana, os do Jorgo. Vieram, com elles, as molas novas, as rodas leves, as mulas espevitadas, os carris. Começou-se a poder ir do Rocio a Belem em hora e meia, se não havia demora d'outra hora e meia na Rua do Arsenal, onde se tivesse derramado uma carroca de mobilias em dia de mudanças. Do Rocio se foi á Graça, por Santa Apollonia e Santa Clara, em menos de duas horas—e muito houve quem, por esse tempo, lembrando-se ainda dos omnibus, chamava a isso o progresso, achando que se caminhava vertiginosamente!

Depois vieram os carros electricos—a nove. Depois os automoveis—a vóol!

O automovel é a expressão da vida de hoje, como o omnibus foi a expressão da vida da sua epocha. Agora, que tudo são urgencias, elle realisa o tipo ideal da viação acelerada. Agora, que tudo é amor de commodidades, elle nos offerece, effectivamente, todas as commodidades. A borracha, o aço ductil, o estofa acariante entram n'elle como principaes componentes da sua seducção. Tem o automovel o que quor que seja desofá alado, cevoaçando rasteiro, cortando o ar roz-véz com a terra. Allia regalos da indolencia a nevroses de velocidade; e tudo na sua apparencia faz crêr que não ha viatura mais célere, nem mais confortavel, nem que offereça maior segurança. Automoveis ha, tão ligeiros, tão lindos, tão reinzentes de ripolins claros, lançando aos ares tão harmoniosas vozes de trombetas, que a gente, ao esguisrar-se d'elles e ao coser-se com as paredes, ou a metter-se de escantilhão pelas lojas, para os deixar passar, pergunta se porventura seriam mais bollos e velozes os vehiculos de ouro da mythologia,



O carro electrico de Lisboa

vanco menos solavanco, mais hora menos hora, mais dór nos rins menos dór nos rins, chegaria ao seu destino, com vida, com alegria, com a graça de Deus. Se havia ladeira no trajecto, para cima ajudavam os santos, as mulas da deanteira e as imprecações do sota, que lhes ferrava os calcanhares das botas na barriga com quantas forças tinha; para baixo, como ainda não existisse o travão, mettia-se a sapata ás rodas, e não havia perigo de que tudo aquillo se desprendesse de gangão e viesse emborcar-se em pedaços contra algum muro de quinta. Arrebentava um tirante? Não tinha duvida: saltava a terra o Eleuterio—o Eleuterio ou o Augusto, o Mica ou o Pingalho—puxava do bolso das calças um novello de cordel, e n'um rufo se amanhava, o tirante para o resto do caninho. E nem

a fava faltava ás bestas na altura em que ellas já estavam acostumadas a esperar, nem as bestas falta-



vam ao seu dever de puxar...

Agora, meus amigos, temos conversado! Quem é aquelle que, quando sobe para o automovel, pôde dizer que a tantas horas contem com elle em tal sitio? Quem impedirá que a borracha estoire, quando ella não puder já dar mais de si? Quem terá arto de fazer andar a machina, se a



Uma chegada



Fiscalizando corridas

no dictado: «Antes que cases, vê o que fazes» De modo que os namoros do omnibus (como foi o do Fortes) acabavam



De passeio

meio do caminho se lhe acaba a gazolina? E se estala o freio que tudo aquillo aguenta quando se vê mesmo a fugir do perigo de uma ribanceira, que milagre, e de que santo, ha de livrar quem fór dentro de esbarrocar por ali abaixo, de mergulho, até rocha onde bata com a cabeça ou charco onde afocinhe?!

No omnibus, quando se arranjava namoro, as coisas davam tempo a muito matutar



arropendidos de tanta pressa terem tido em casar. Depois, como o automovel é uma coisa que anda sempre a desmanchar-se, irrita-se o marido, enerva-se a mulher, e a breve trecho não cessa ella de attribuir á inopcia d'elle a arrelia de todos os desmanchos...

Do que, em linguagem automobilista, se pode dizer ser um matrimonio que fica sempre — *en panne!*

ALFREDO
MESQUITA.



Com a saída de sua majestade a Rainha do castello da Pena, grande parte d'essa população elegante, que ha tres mezes está animando com os seus *raouts*, as suas *garden-parties* e os seus *pic-nics* a formosa villa de Cintra, principia a acudir a Cascaes e aos Estoris. Dentro de poucos dias a villegiatura da corte transfere-se definitivamente para a beira-mar. Envolta nos seus sudarios de nevoeiro, a serra de Cintra recahirá no abandono. Das sombras humidas do arvoredo secular, das frescas estradas toldadas de ramarias, das quintas historicas com pinheiros plantados por vico-reis da India, dos palacios que serviram de exilio a imperatrizes e onde os reis passaram a sua «lua de mel», a Lisboa heraldica de S. Carlos e das recepções de gala passará para a paisagem africana do litoral, para entro a poeira do Monte Estoril, em frente á toalha de aguas scintillantes, raramente encrespada de ondas ou maculada de espumas, que desde a fortaleza de S. Julião da Barra se desdobra até á Cidadella, n'um arco de circulo immenso, emmoldurado de povoações de luxo e de recreio.

A essas duas paizagens differentes corresponde um modo

de vida diverso. Cintra é um centro de reunião tradicionalmente exclusivista. Quando, em 1836, Passos Manuel, eleito e imposto pelo povo, começou governando em nome da democracia, a nobreza cartista recolheu-se a Cintra. Quando a rainha D. Carlota Joaquina, em 1821, é exilada para o Ramalhão, Cintra passou a ser o exilio dos legitimistas. A centenaria villa ficou sempre aristocratica, através os tempos e as revoluções. Cintra é ainda hoje, com raras excepções, apanagio de uma casta. Alugar casa em Cintra é, para um estrangeiro, ficar a mil leguas de Cintra.

Cintra é, hereditariamente, uma propriedade particular: a propriedade d'uma classe. A vida de Cintra é ainda uma vida senhorial, uma vida de quinta, no abrigo de muros heraldicos, enverdecidos de musgos, á sombra de arvoredos centenarios, em antigos solares com tradições que voem de D. João de Castro plantando a Penha Verde até lord Beckford namorando em Sotear, desde o beijo *por bem* de D. João I até aos beijos *por mal* de D. Carlota Joaquina, desde os improvisos amorosos de Bernardim Ribeiro aos improvisos lyricos de lord Byron, desde a omni-



A estação de Citra [antes da viação electrica]



A rua da Estação á chegada do primeiro comboio da minhã



O sr. conde de Sabrosa a cavallo com seus filhos



A chegada do rapido da tarde

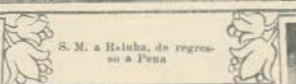
potencia obesa do arcebispo de Thessalonica á magrezza pirenetica do conselheiro João Franco.

Em Cascaes nada resta que lembre o passado. Em Cintra, por toda a



S. M. a Rainha, de regresso á Pena

Principiou-se por abrir ruas nos seus pretenciosos jardins á Le Notre e acabou-se, ás imperiosas exigencias do progresso, por demolir os nobres casarões estorvadores, quando os



D. Maria de Vasconcellos (Figueiro), jogando o tennis em Seteas

D. Maria de Vasconcellos (Figueiro), jogando o tennis em Seteas

parte, á exuberancia da natureza corresponde a exuberancia da archeologia e da historia. O ambiente, em Cintra, é caracteri- adamente aristocratico. Em parte alguma como em Cintra, onde se conservam de pé, entre as suas quintas de recreio, os palacios das principaes personagens da corte de D. Maria I, se pode estudar, n'uma evocação facil, a vida da nobreza lisboeta do seculo XVIII.

O terremoto de 1755 e tanto ou mais do que elle o terremoto da civilisação contemporanea demoliram em Lisboa quasi tudo o que era casa senhorial ou armoriada.

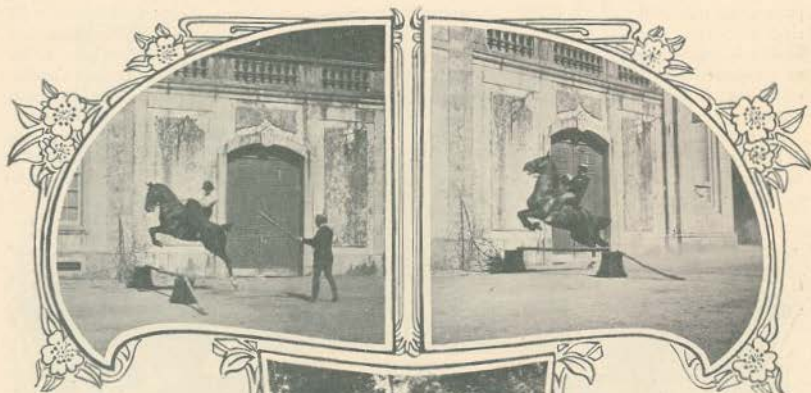


D. Maria Assumpção de Mel (Sabugosa)



S. M. a Rainha D. Maria Pia conversando em o sr. conde de Mesquita n'um passeio á Graza do Marquez

maram em albergues de operarios. Cintra escapou á demolição geral. Em mais parte alguma do paiz se pode ainda ver de pé, com seus nuros authenticos — embora a rija mão pomballina lhes tenha deixado a sua marca, — um paço real das primeiras dynastias. O palacio de Cintra é a unica sobrevivente de quantas moradas teve a realoza em sete seculos de predomínio e de fausto. De entre o montão formidavel de escombros que atulham esses sete seculos de historia, o paço de Cintra ergue ainda, erectas nos seus atuerces arabes, as duas chaminés dos seus fornos medievaes, e conserva debruçados sobre a ser-



D. Maria d'Assumpção de Mello (Sabugosa) saltando a cavallo no terreiro de Setaes

O sr. José de Mello (Sabugosa)

ra, toucada de ameias, os seus miradouros sarracenos. Com leves acrescentos vêmol-o hoje como o desenhou em 1507 Duarte de Armas. Habitado pelas tradições de um millenario, tendo visto, no seu jardim de Lindaraya as sultanas banharem-se nas fontes de marmore, tendo ouvido o beijo galanteador de D. João I, tendo visto nascer e morrer D. Affonso V, tendo assistido ás recitas de Gil Vicente, ás dissertações da Sigeia, tendo escutado os pesadellos heroicos de D. Sebastião e os passos lentos de D. Affonso VI, gastando os ladrilhos do carcere, esse palacio, unico no mundo pela sua esplendida velhice, parece exercer ainda na villa de Cintra e por toda a serra a influencia poderosa da tradição.

Essa influencia podem não a perceber os



Um aspecto da antiga estrada de Collares

olhos do forasteiro, que por uma manhã de verão se apeie em Cintra e depois dos passeios classicos pela estrada dos Pisões, á Pena, a Monserrate ou a Collares, sob o toldo hospitaleiro das ramarias, acompanhado pelo susurro das fontes, perseguido pelo aroma dos jardins, leva a impressão individual de ter atravessado, um paraíso onde os anjos andassem vestidos pelos figurinos de Paris, montassem cavallos inglezes, jogassem o tennis e a malha e lessem recostados em cadeiras de verga, nas varandas dos chalets, os romances de Bourget.

O que é e de que vale um palacio velho, o que representam

algumas casas fidalgas, com brazões de armas nos portões, n'aquelle agglomerado de arvoredos e de flôres, de cottages e de villas? Não é todo aquelle conjunto radioso um bem de todos, um bem de toda a gente?

Demore-se o forasteiro



Suas Altezas o Príncipe Real e o sr. Infante D. Manuel em automovel com o sr. marquez do Lavradio e o filho dos arts. c. ndes do Figueiro

(Cliché tirado especialmente, com permissão de Suas Altezas, para a «Illustração Portugueza»)



EM SETEAS

Conde de Tovar—D. Fanny Davidson Perestrello—Marquesa do Funchal—Condessa de Tovar—D. Pedro de Mello e Castro—Baroneza da Regaleira—D. Alice de Carvalho Lobo—Ernesto Aguiar de Andrade—D. Maria de Vasconcellos d'Almeida—Eduardo Perestrello—D. Manuel de Mello e Castro—D. Maria Aguiar de Andrade—D. Laura Moraes de Carvalho—D. Aida Moreira de Carvalho—D. Maria das Dores de Mello e Castro—Jorge José de Mello (Sabugosa)—Guilhermo Bleck e os quatro filhos de sr. Eduardo Perestrello



No Largo do Victor—A partida para um «pic-nic»

D. Helena Manperrin Santos e D. Amélia Burnay Morales de los Rios

Na Peninha

D. Maria Isabel de Castro Pereira e o sr. Rodrigo de Castro Pereira

Na Peninha «Pic-nic» promovido pela família Sabrosa

em Cintra uma semana e verificará que só as estradas lhe pertencem n'esse paraíso tão enlavadamente cantado pelo grande Byron, que os burriqueiros de Cintra irreverentemente apuraram como um intruso. Para o seu bucolismo: as estradas. Para a sua gulodice: as queijadas da Sapa. Para a sua ancia de prazer: a musica do *Peixe frito*. É tudo quanto Cintra tem para lhe dar. O



resto é propriedade da corte, da diplomacia e da alta finança.

Cintra é, em resumo, uma casa particular, onde só entram as relações dos senhores: uma casa que só se mostra quando os donos estão ausentes.

Mas esta grande familia mundana, que habita Cintra de julho a setembro, dando-se o luxo de o exclusivismo que está longe de manter logo a seguir em Cascaes, essa pequena sociedade elegante e formalista, que faz escola de boas maneiras, não é, a bem dizer, uma nata fidalga, que se retrai a convivência do intruso com receio de desmerecer na sua nobreza inacessível. A nobreza, hoje, é mais de educação que de sangue. As sociedades privilegiadas são hoje aglomerações heterogeneas, onde ha um pouco de tudo: do fidalgo e do banqueiro, do grande senhor e do *pareceu*, do janota e do politico. O que as riune é mantem

não é mais a antiga e arrogante consciencia de uma egualdade nobiliarchica, mas o interesse commum de sociabilidade, a collaboração n'uma mesma obra de bem estar e de prazer.

Cintra conservou-se, pela sua natureza topographica, uma villegiatura de proprietarios. Os seus hotéis dão apenas de almooar aos lisboetas nos domingos e quasi só hospedam inglezes. Não ha uma praia, um parque, um casino, um club, que favoreça a reunião de elementos estranhos, que se combinem e misturem pela convivência. As relações são de casa para casa. Para passar tres mezes agradavelmente em Cintra é necessario ter uma casa. E nem todos podem ter essa casa. Porque não é ter casa alugar um predio na villa, mobilado, por um trimestre. Ter casa em Cintra subentende ter uma quinta. Para possuir uma quinta é indispensavel comprar-a ou herdá-la, e nem todos os dias se vende um palacio que se chama o Ramalhão, — hoje da sr.^a viscondessa de Vahnór, — ou o palacio dos marquezes de Vianna — hoje do sr. visconde do Faro e Oliveira, — ou o palacio Regaleira — hoje do sr. dr. Antonio de Carvalho Monteiro.

Mas ter a quinta amã não é tudo. Para se não morrer de solidão e de tédio n'essa quinta é preciso dar jantares; dar *soirées*; dar *ficé-ó-logs* e organisar partidas semanaes de *bridge* e de





UM "PIC-NIC" NA PENINHA

A *Ilustração Portuguesa* conseguiu documentar pela photographia um dos mais elegantes «pic-nics» d'este anno, em Cintra, dando agora a conhecer aos seus leitores alguns d'os seus mais interessantes aspectos.— 1.º grupo, ex.^{ma} sr.^a D. Alice Carvalho Lobo, irmã do sr. conde de Valle Flor; D. Maria de Mello [Sabugosa], condessa do Tevar; D. Helena Mauperrin; D. Maria Abranhes e D. Maria do Carmo de Mello.— 2.º grupo, ex.^{ma} sr.^a condesa de Sabrosa, D. Fernanda Graça, D. Alda Moraes Carvalho, D. Laura Moraes Carvalho, D. Alice Carvalho Lobo, D. Helena Mauperrin, D. Myria de Mello [Sabugosa], irmã do sr. conde de Valle Flor.



Assistindo a uma corrida de touros

João, Vasco e Bêbê Sabrosa, Fernando Ulrich, Gaspar Monteiro, José de Vasconcellos [Figueiró], D. Ruy da Camara, D. Manoel de Mello e Castro [Galveias], Alvaro Moraes de Carvalho, Rodrigo Co-reia Henriques [Seisak]

tennis. E para que os jantares tenham commensaes, para que as *soirées* tenham concorrência, para que as partidas de *bridge* tenham parceiros não basta que o cozinheiro seja optimo, que a dona da casa seja amavel, que os tentos sejam de prata. E indispensavel dispôr de relações. Ora, em Cintra não se criam relações. As vezes

rompem-se as antigas. Raro se adquirem novas. O bilhete de visita é uma inutilidade em Cintra. Em Cintra as visitas abrem o portão, entram no jardim e gritam para a varanda:

— Ó Maria! O Jorge!

E logo Maria ou Jorge abre a janella, sahe á varanda.



A saída da missa elegante das 11 1/2 na igreja da Misericórdia

Srs. Jorge O'Neill, D. Antonio d'Almeida [Lavradio], Marquez de Gouveia, José de Vasconcellos [Figueiró], D. Pedro de Mello e Castro [Galveias], Americo Santos, Carlos Santos, Eduardo Santos Moreira, Conde de Mesquitella, Alvaro Moraes de Carvalho, Fernando Ulrich, D. Sebastião de Lencastre, Gaspar Monteiro, Jorge de Mello [Sabugosa], João Sabrosa, D. Ruy da Camara, dr. Jayme Mauperrin Santos, Ruy Ulrich, Marquez do Punchal, Simão Lopes Ferrelra, Alferes Correia

manda subir a visita, com a familiar simplicidade de quem se encontrou na vespera, à noite, no *raout* do sr. conde de Sa-

obriga a um intenso exercício d'essa arte delicada da vida, que é a sociabilidade. Por todas as quintas, se não com



Os srs. Alberto Moraes Carvalho, D. Pedro Mello e Castro (Goleiras) e Jaymo Moreira assistindo a uma partida de «tennis» nos jardins da casa da ex.^{ma} sr.^a D. Andreolina dos Santos Moreira.

brosa, de manhã na estrada dos Pisões e

D. Aida Moreira de Carvalho e D. Helena e a Mauperrin Santos assistindo à partida de «tennis» nos jardins da casa da ex.^{ma} sr.^a D. Andreolina dos Santos Moreira.

o mesmo fausto e a mesma distinção



Durante uma partida de «tennis» nos jardins da ex.^{ma} sr.^a D. Andreolina dos Santos Moreira.

Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amélia e a Princesa Luiza de França chegam ao paço de Cintra para visitar Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia.

voltará a encontrar-se d'ahi a horas quer no *rendez-vous* elegante de Seteas quer na partida de *bridge* do sr. Carlos Mozer ou no *five-o'clock* de madame Sager.

E é este o maior encanto da vida de Cintra. A ausencia de casinos, de clubs, de theatros,

S. M. a Rainha D. Maria Pia, Sua Alteza o Principe Real e sr. Infante D.

Afonso, em companhia dos srs. coronel Benjamin Pinto e conde de Mesquita na Granja de Marquês.—N'um intervalo de uma partida de «tenis»: Ex.^{ma} sr.^a D. Aida Moreira de Carvalho, D. Assumpção Moraes de los Rios, D. Maria das Dóras Mello e Castro, D. Maria de Vasconcelos (Figueiro), D. Amélia Bursay Moraes de los Rios.—O camarote real n'uma tonrada de amadores em Cintra.

com que lord Beckford, o amigo da casa de Marialva, descreve a villegiatura aristocratica de Cintra no seculo XVIII, vai, desde manhã á tarde, uma animação, saudavel, uma animação á inglaterra, com chás servidos debaixo das ramarias dos castanheiros, com o saltar das botas



Quinta do Relógio, onde passaram a lua de mel Suas Magestades El-Rei D. Carlos e a Rainha Senhora D. Amélia

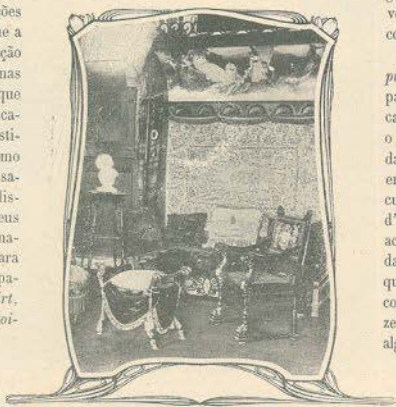
(Antiga propriedade do «Monte Christo», hoje propriedade da ex.^{ma} sr.^a D. Capitollina da Silveira Vianna)

de camurça nas raquettes do tennis. Só em Cintra a lisboeta de S. Carlos gasta as suas saias *trotteuses*; só em Cintra—n'essa Cintra hermeticamente fechada aos intrusos—se pratica essa vida de *sport*, de hygiene e de ar livre, que remoeça as mulheres [fatigadas] por cem noites de theatre e de baile, de recepções e de jantares, e lhes restitue a frescura do rosto e a animação do olhar. Cintra não é apenas uma villegiatura elegante, a que a predilecção da Rainha, educada á ingleza, mantém o prestigio mundano. Cintra é como que o saudavel e milagroso sanatorio onde annualmente a lisboeta vai retemperar os seus nervos, concertar o seu estomago, tonificar o seu sangue para a grande batalha do inverno, para os *raids* extenuantes do *firt*, da exhibição, da dança e da *toilette*.

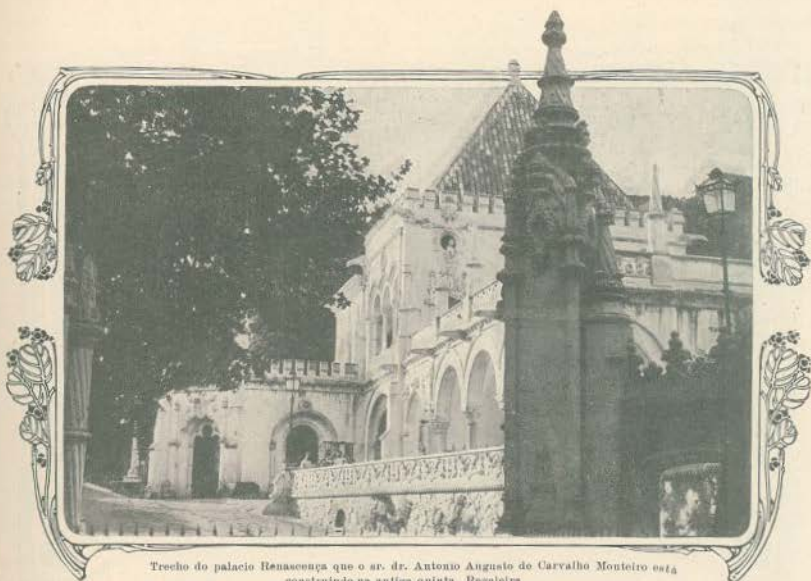
Por isso tambem, ao forasteiro que tomar um quarto no Hotel Nunes — mesmo que a sorte lhe destine a ventura consideravel da visinhança do

sr. marquez de Soveral, arbitro indiscutido das elegancias,—a vida de Cintra lhe parecerá uma sensaboria e depois de ter despejado nas algebras dos cocheiros algumas libras e haver passeado ao sol algumas horas, se apressará em procurar uma villegiatura mais divertida e social, anda que menos cotada no codigo do *bom tom*.

Não são para elle os alegres *pic-nics* á Peninha, as elegantes partidas de *tennis* em Seteaces e nunca elle chegará a comprehender o quanto é intensa essa vida mundana, que os muros das quintas enclausuram a todos os olhares curiosos. A excepcional alegria d'essa vida provém, como já accentuamos, da sua familiaridade, da inobservancia da etiqueta entre uma classe que de costume a observa com inflexivel zelo. Cintra, como mais parte alguma — a não ser talvez na protenciosa Granja, onde se reúne um simulacro de *grande sociedade*, no fundo inoffensivamente burgueza, — presta-se, pelo seu regimen de propriedade, a



O decel predilecto de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia no Paço da Villa



Trecho do palacio Renascença que o sr. dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro está
construindo na antiga quinta Regaleira

essa selecção, impossivel de obter hoje em dia pela imposi-
ção de preconceitos declaradamente aristocraticos.

Não podem os democratas accusar a nobreza de lhes ter
usurpado, para seu prazer
exclusivo, o recreio esplendi-
do, que a Natureza creou,
com os seus verdejantes ar-
voredos e as suas aguas pe-
rennes, na visinhança arida
de Lisboa, como um sitio de
repouso junto a uma arena
tumultuosa de lucha. A usur-
pação, se existe, vem de lon-
ge, da dominação dos arabes.
Já os waits mouros tinham
estabelecido no valle o seu
palacio e o seu harem, aonde
desciam a gosar as delicias
da paz nos braços das favo-
ritas. Um ninho de aguias,
lá no alto, um ninho de pom-
bos cá em baixo.

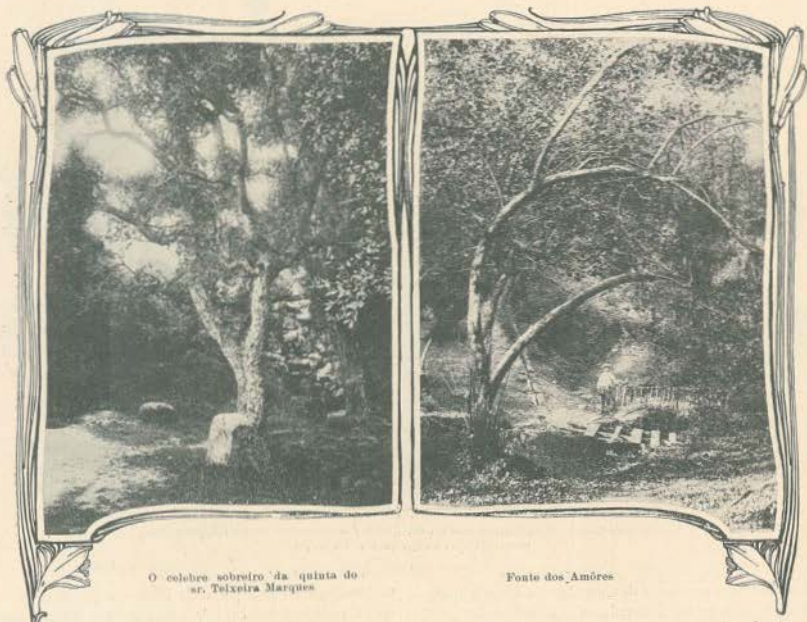
Quando já mais tarde, as
quinas tremulavam ao vento
nas torres do alcazar, a serra,
tendo perdido a importancia
militar, offereceu aos reis os
seus panoramas grandiosos,
as suas encostas luxurian-

tes, as suas brenhas por onde fossava o javali. Não a
quiz o povo agricultural. O terreno era ingrato: madeiras pe-
dregosas, ravinãs humidas, torrões alcandorados entre

escardas. A meio da immen-
sa planicie aravel, Cintra não
tinna valor agricola. A lei do
menor esforço fazia conver-
gir para planicie os culti-
vadores. A serra ficou sendo
uma especie de coutada real.
Iam lá caçar os principes e
os reis, com os seus falcoe-
ros e matilhas. E' necessario
que chegue a Renascença
com os seus ocios magnificos
e os seus requintes classi-
cos, desenvolvendo entre a
barbarie medieval uma no-
ção até ahí inedita da vida,
para que a Cintra dos hallalis
e das caçadas principie a ser
a Cintra das villegiaturas dos
grandes senhores dos secu-
los XV e XVI. Nos seus flan-
cos graniticos não amadure-
cia a vide nem fructificava
o grão. Nas suas solidões
agrestes não podia estabe-
lecer tendas o commercio.



Familia a varanda sobre a entrada dos Pirios Propriedade de sr. dr. Carvalho Monteiro



O celebre sobreiro da quinta do sr. Teixeira Marques

Fonte dos Amóres

Repellido dos seus uberes de pedra, encabelados de frondes, os pequenos, que se alimentavam do trabalho, a serra foi chamando á intimidade das suas maravilhas os grandes da terra, que n'ella procuravam apenas os prazeres do repouso. Era demasiado bella para os humildes.]

¶ Nas suas encostas fioram-se er-

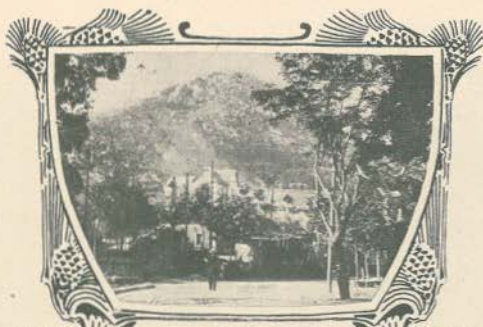


Madame Gervasio Lobato e suas filhas

(Grupo tirado em Cintra)

guendo os palacios. No seculo XVIII, Cintra era já uma propriedade quasi exclusiva da nobreza. Apenas se alguns commerciantes opulentos, na sua maioria estrangeiros, compartilhavam com os fidalgos da corte de D. Maria I as delicias da villegiatura suburbana da capital. Passado um seculo, Cintra mantem-se como regalia luxuosa dos rios, com as

suas quintas zelosamente vedadas aos olhares curiosos dos estranhos. Algum não deixará de ser assim, essa Cintra elegante, exclusivista e retrahida, a quem cabe a honra de haver aristocratizado o joio humilde do chinquillo — podendo ter resuscitado o jogo fidalgo da bola! — e onde,



A Villa Estephania

tra de hoje esboçam as grandes linhas d'esse plano, ao qual seria desde o primeiro dia sacrificado o hotel Lawrence, e de que faria parte integrante a ligação electrica com o Cascaes florescente e animado dos bailes, dos concertos e da jogatina.

Todas essas reformas dispendiosas não



Umpanorama da Serra de Cintra
à esquerda o palacio da
Pena, à direita o penedo da Mão

n'este momento, a grande moda romantica, que desethrou os entorts de Seteas, é ir vér o pôr do sol para a Bella Vista?

Para transformar Cintra d'iz-se que uma companhia estrangeira projecta para breve a construção d'um casino e de um immenso hotel, e já os que ambicionam arrancar do seu retrahimento a Cin-



No parque da Pena

lograrão, porém, modificar sensivelmente a vida seuhorial e ao mesmo tempo familiar da serra. Seria necessario banir as familias das suas propriedades, entregar a quinta do Duché aos *croupiers*, o palacio de Seteas a um empresario, a quinta do Ramalhão a um *maitre d'hotel*, transportar para a Sala dos Cysnes as bancas de Montecarlo, para fazer



O hotel mais antigo de Cintra—O Lawrence's Hotel

Sala de leitura do Lawrence's Hotel—A sua proprietária, Madame Oram

de Cintra uma colmeia cosmopolita de *joyseurs*: especie de Monaco de que os Estoris e Cascaes seriam a Nice dos gran-duques e dos inglezes, das rainhas destronadas e dos aventureiros. Mas Cintra presta-se pouco a servir os destinos d'essas grandes empresas internacionais, exploradoras do prazer e da vaidade humanas. A Cintra do *Childe-Harold* e d'*Os Maias* será sempre esse paraíso que o romantismo de Byron e o naturalismo de Eça descreveram sob dois aspectos só aparentemente diversos. Apenas através os tempos, n'esse scenario immutavel, os actores são diferentes. Em 1787, no seu salão oriental do Ramalhão, forrado de tapeça-

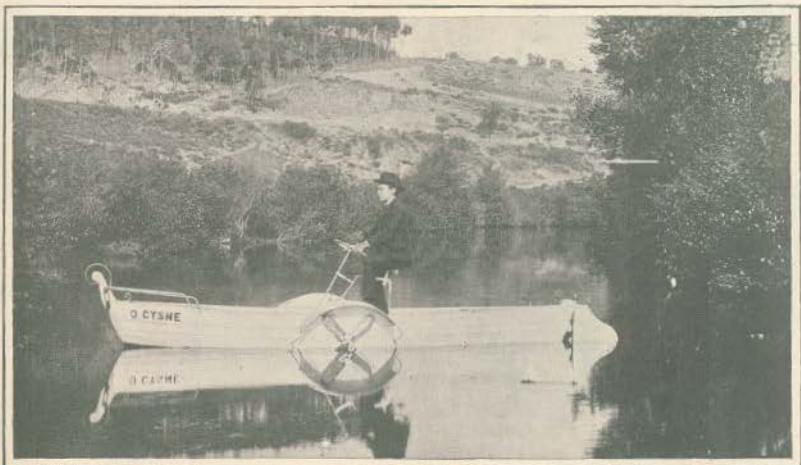
ria de espelhos, Beckford offerecia banquetes, «em que até as colheres de prata eram de ouro», aos Marialvas e aos Guildermeester. Em 1906, o sr Carlos Mozer offerece (na sua *garçonnière* da *Pendoa-House* excellentes chás á excellentes diplomatas. Outros homens... mesmos costumes!

Com os seus frondosos castanheiros, com *sir Cook* em Monserrate, com a sombra prestigiosa de Beckford no Ramalhão, com a memoria romantica de Byron, embora sem o *Lawrence's Hotel*, Cintra ha de ser sempre para Lisboa—o estrangeiro a trinta e cinco minutos da capital: esse estrangeiro para onde só vão os ricos.



A sr.ª condessa do Sabrosa e sua filha D. Laara

UMA CURIOSA INVENÇÃO



Sr. Hildefonso Dias Gundim

Construído pelo sr. Hildefonso Dias Gundim, do Sabugal, e destinado a navegar no rio C.a., pouco profundo n'aquelle localidade, o *Cysne* é um barco de 5^m de comprimento por 0^m.90 de largo, movido

por um systema de pedaes, que animam duas hellices lateraes, guarnecidas de anteparos para evitar o esparrinho da agua para o interior da embarcação.

Quem impelle o barco manobra simultaneamente o leme, que está em contacto com um guiador, semelhante ao dos automoveis, por meio de um systema simplificado de engrenagens, que permite dirigir a embarcação no sentido que se deseja, podendo descrever curvas com um raio de 4^m.

O *Cysne*, que tem logar para tres pessoas, reboca nma outra embarcação, construída especialmente, e que comporta até 11 passageiros.

São proprietarios d'este barco original os srs. Ismael A. da Motta e Hildefonso Dias Gundim.



COMO SE LUCIA TRATADO PRATICO DE LUCIA FRANCEZA

CONTINUADO DO N.º 3

Golpe d'ancas com cintura @ Defeza a empregar contra este golpe @ Segua do golpe d'ancas com cintura @ Duas defezas que lhe correspondem @ Prisão d'espada e cabeça @ Tres defezas d'este golpe

Golpe d'ancas com cintura, 1.º tempo (fig. 43) — Prende-se o adversario por um dos pulsos, cinturando o em seguida pela frente com o outro braço. Avança-se e colloca-se a perna do lado do braço que cintura, para traz do quadril do adversario, e, dando-se então a este um golpe d'ancas que deverá deslocar o e collocar o sobre os rins, ajoelha-se, rodando um pouco para o lado do braço que prende o pulso.

2.º tempo do mesmo golpe (fig. 44) — Leva-se o adversario a terra mantendo bem as prisões e carregando sobre elle com o rosto e busto energicamente.

Defeza do golpe d'ancas com cintura (fig. 45) — A defeza d'este golpe é idêntica ao ataque, que portanto serve tambem de resposta, devendo caber a victoria ao luctador que for mais rapido e energico.

2.º golpe d'ancas com cintura (fig. 46) — Inicia-se este golpe prendendo o adversario por um dos braços um pouco acima do cotovelo, indo o outro braço cinturar o de lado, de maneira que, avançando-se e virando-se-lhe as costas, o adversario fique erguido sobre os rins. Em seguida curva-se o dorso para a frente, ajoelha-se e faz-se uma pequena rotação, que deverá ser energica, para o lado da mão que prende o braço do adversario.

2.º tempo do mesmo golpe — É idêntico ao 2.º do golpe anterior fig. 44.

1.ª defeza do mesmo golpe (fig. 47) — No 1.º tempo de ataque para-se este golpe evitando que o adversario se incline para a frente, empregando ao mesmo tempo prisões idênticas ás de que elle se serve.

Esta defeza emprega-se tambem como resposta, clirgando o luctador a inclinar-se para traz e a assentar as espadas em terra.

2.ª defeza do mesmo golpe (fig. 48) — No 1.º tempo de ataque o luctador evita ficar sobre as costas do adversario saltando para o lado do braço que estiver preso, avançando com a perna que fica do lado de fora e abaixando-se o mais possivel.

Prisão de espada e cabeça, 1.º tempo (fig. 49) — Prende-se o adversario, collocando-lhe a cabeça sob a axilla e apertando-a bem, sem contudo lhe molestar a garganta. Com o outro braço passa-se-lhe um intercalamento, collocando-lhe a mão sobre a espada, e, obrigando o em seguida a rodar para o lado opposto a esse intercalamento, carga-se-lhe previamente com o peito sobre o hombro, levando-o assim ao chão.

2.º tempo do mesmo golpe (fig. 50) — Depois do adversario cair sobre o hombro opposto ao do lado do intercalamento, faz-se com que assente as espadas, carregando fortemente sobre o outro hombro.

1.ª defeza do mesmo golpe (fig. 51) — Quando o luctador tenta prender a cabeça, segura-se-lhe o pulso, e em seguida empurra-se-lhe o braço ao mesmo tempo para cima e para traz, evitando d'este modo que o golpe prosiga.

2.ª defeza do mesmo golpe (fig. 52) — Se a primeira defeza não der resultado, segura-se o pulso do adversario puxando-o para o peito, e em seguida inclina-se o corpo para traz.

3.ª defeza do mesmo golpe (fig. 53) — Depois do adversario ter feito o intercalamento e a prisão de cabeça, o luctador recua e abaixa-se um pouco, collocando-lhe então pois as mãos nos quadris e fazendo-o recuar com um movimento de repulsão.

Prisão de braço, 1.º tempo (fig. 54) — Quando o adversario esteja com o busto um pouco levantado, prende-se-lhe um dos braços acima do cotovelo, collocando-lhe previamente a mão sobre a axilla do braço que faz a prisão.

2.º tempo do mesmo golpe (fig. 55) — Roda-se em seguida de maneira a ficar um pouco de costas para o adversario, colloca-se o hombro do outro braço sob a axilla, indo a mão do mesmo braço prender o do adversario, junto á

parte inferior do deltoidea, inclinando o dorso para a frente.

3.^o tempo do mesmo golpe (fig. 56)—Ajoelha-se e curva-se o dorso para a frente com energia, obrigando o adversario a deslocar-se e a dar a cambalhota.

4.^o tempo do mesmo golpe (fig. 57)—Depois do adversario ter dado a cambalhota, o luctador, sem largar as prisões, roda sobre o adversario, de maneira a ficar atravessado e com as espadas sobre o peito do vencido.

1.^o defeza do mesmo golpe (fig. 58)—No 2.^o tempo d'ataque o luctador puxa para traz o adversario com o braço que está preso, indo o outro braço col-

locar-se-lhe nos rins, empurrando-o para a frente, procurando assim impedir o proseguimento do ataque, obrigando assim o adversario a deslocar-se e a assentar as espadas em terra.

2.^o defeza do mesmo golpe (fig. 59)—No 3.^o tempo d'ataque, o luctador colloca a mão, que está livre, nos rins do adversario, empurrando-o. Avança-se com a

perna correspondente ao braço que está preso, collocando o pé um pouco adiante dos joelhos do adversario, ajoelhando a outra perna entre os pés do adversario, impedindo assim que elle prosiga no golpe.



44
2.^o tempo do golpe d'ancas com cintura



43
1.^o tempo de golpe d'ancas com cintura



45
Defeza do golpe d'ancas com cintura

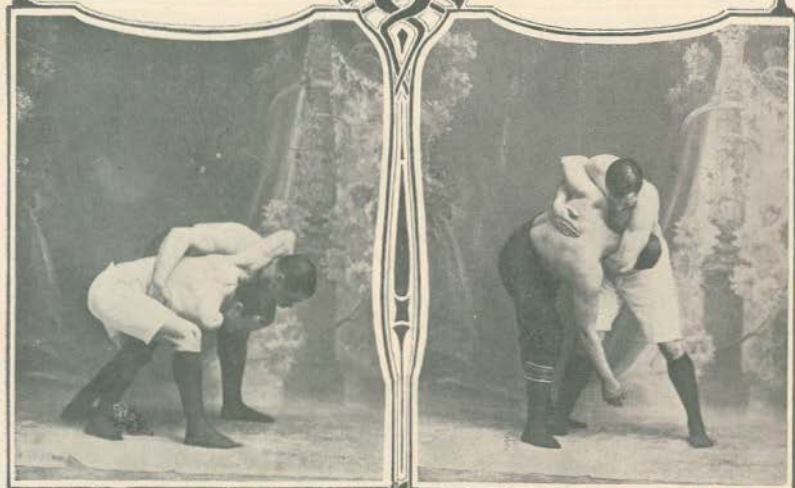


46

2.º golpe d'ancas com cintura

47

1.º defesa do 2.º golpe d'ancas com cintura



48

1.º tempo da prisão d'espada e cabeça

49

2.º defesa do 2.º golpe d'ancas com cintura

NOVO DIAMANTE AMERICANO

Rua de Santa Justa, 96 (junto ao elevador)

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A única que sem jar artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 800 réis, braceletes a 800 réis, brincos a 18000 réis o par. Lindos colares de perolas a 18000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa.



Bicyclettes

A casa «Simplex», a que mais barato vende, acaba de receber de Inglaterra um completo sortimento de bicyclettes e accessorios que se vendem a preços sem competencia. Bicyclettes «Simplex», «H. S. A.» e «Linos». Receber-se nova remessa da nova marca de bicyclettes «Imperial», alminha adquirida por esta casa e que não lisongeiro acoplimento tem tido devido não só à sua elegancia e boa qualidade

fabrico e de todos os accessorios como bem exemplada e de quadro traçado que se vendem a preços sem competencia. Grande sortimento de protectores ingleses, bustinas, lanternas, correntes, etc., etc. Já está em distribucio o novo catalogo de 1906-1907. Descontos para revender. J. Castello Branco, rua do Socorro, 48, e rua de Santa Anão, 32 e 34—Lisboa.

Instrumentos de corda



Golparras, bandolins, violas e accesso-

rios para os mesmos, em via catalogos gratis para Rrs. AUGUSTO VIEIRA, R. de Santa Anão, 4.—Lisboa.

Livraria editora Viuva Tavares Cardoso

5, LARGO DE CAMÕES, 6—LISBOA

PUBLICAÇÕES RECENTES:

- A ARRAIA MIUDA**—Romance historico por Faustino da Fonseca. E' o romance d'amor de uma rude filha do povo, que se bate em plena revolta contra o paço, quando a *Arraia Miuda*, a pittoresca multidão do seculo XIV, d'essa Lisboa habitada por «muitas e desvalzadas gentes», realisa a unidade nacional contra as castas sacerdotais e guerreiras, vendidas ao estrangeiro; expulsa uma rainha e elege um rei. Livro de absoluto rigor historico, mostra as grandes figuras do passado como simples representantes da vontade colectiva, e o seu esforço como a somma do esforço de uma classe social, 1 vol. 600
- O FREI LUIZ DE SOUSA**—(Estado synthetico), de Garrett, notas por Joaquim d'Araujo, com um prefacio de Theophilo Braga, 1 vol., illustrado de 103 paginas..... 400
- ANGELA PINTO**—Esboços, homenagens e apreciações criticas da imprensa brasileira e portugueza e dos principaes escriptores dramaticos de Portugal, 1 vol., illustrado com o retrato da illustre actriz nas peças que tem desempenhado..... 500
- PAISAGENS DA CHINA E DO JAPAO**—Contos por Wenceslau de Moraes, 1 vol., profusamente illustrado..... 600
- O TIO JOAO GIL** Chronica d'aldela por Barros Lobo (Francisco), 1 vol..... 800

Sedativo Beirão

Anti-dismenorheico

E' o mais adequado e seguro medicação para todos os soffrimentos que procedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenorrhoea). Cura os fluxos de colozas viscosas e dos ovarios, as dores reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quozas vertigens, spasmos, convulsões, ataques nervozos, hystericos e outros; nausea, vomitos diarrheas; alivia a elevação de ventre por accumulacão de gases, a turgidez das veias das pernas e das hemorroidarias; que muito complicam as menstruações irregulares. O SEDATIVO «BEIRÃO» actua com especificidade sobre o utero, orgão annexo dependente, dá-lhe energia muscular, regulariza as suas funcões e a muito «fôz» na actuação dos ovarios e na regularizacão da frequência do utero. E' indispensavel na amenorrhoea accidental ou suppressa sob a influencia das regras, nos effluvia mentes, operações ou ausios. O SEDATIVO «BEIRÃO» contém propriedades tonicas, sedativas e antispasmodicas, muito efficazes para debelar o fluxo heico e uterino vaginal (leucorrhoea).

O SEDATIVO «BEIRÃO» é de grande valor terapeutico na menorrhoea ou crenação final das regras. Elle tonifica os tecidos musculares do estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antiperistaltico d'estas vias e actua, quando invertido, d' origem e sustentacão da cruezia periodica gastro-intestinal; demitta a presso sanguinea; restabelece o equilibrio da circulacão e consequentemente melhora a circulacão e consequentemente melhora os perigos de superabundancia de sangue de outras molestias que sobrevem pela crenação final que mantem nesta mudanca da vida da mulher. O SEDATIVO «BEIRÃO» não é contra indicado nas molestias uterinas e dos ovarios que dependem de lesões d'aquelles orgaos ou de intervençoes cirurgicas.

Deposito autorisado: em Portugal Pharmacia Litoral, Avenida de Liberdade, 167, Lisboa — Pharmacia do Padrao, Rua Formosa 40, Porto — Inglaterra e colonias: Mr. J. W. Yman—Export Druggist: 53 e 59, Bushill Bow London, E. C.

“O PIPERINOL”

Preparado para dar cor e brilho em moveis, soalhos e lambris, em quadros de soalho por 500 réis!!! que é o preço de cada livro, não tem cheiro algum, substitua todos os antigos preparados d'acru-ras. «O PIPERINOL» (UNCOLO) para dar brilho em parkins, moveis e ma's ornamentações em madeiras claras, etc., não lhe alterando a cor, substituindo a cera e agua-ras sem cheiro algum. Applicação facil e rapida. 1 litro para cada 10m quadros. Instruções e amostras no deposito unico, Rua de Buenos Ayres, 35. GIL DIAS D'ASSUMPCAO.

Alcool de Menthe e Agua de Melissa

Da Abbadia dos antigos Frades Benedictinos de Fozamp



Achamos util submeter à apreciação de publicos d'esta provincia do nosso fabrico e ALCOOL DE MENTHE e a AGUA DE MELISSA, os quizes, pela sua superioridade sobre os similares e graças da sua quozal lades perfumadas hygienicas, adquiriram em poucos annos fama universal e bem merecida.

Alcool de Menthe Empreza-se como bebida refrigerante; favorece as digestões difficis; as suas propriedades tonicas fazem d'elle um preservativo poderoso.

Agua de Melissa A agua de Medicinas da Abbadia de Feramp é adoptada substituido em casos de apoplexia, paralisia, vertigens, flato, desmaios, indigestão, enxaqueca, etc. Acham-se à venda nas principaes pharmacias, drogarias, confitaria's e mercearias, desconto aos revendedores.

AGETES

Wheelhouse & Mackee
R. Augusta, 138, P.º

LISBOA



MOVEIS DE FERRO E COLCHARIA

José A. de C. Godinho

54, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 54

Union Maritime e Mannheim

Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza

DIRECTORES EM LISBOA

Lima Mayer & C.ª

Rua da Prata, 59, 1.º

Automobili-Isotta Fraschini

Os mais solidos, simples e economicos e os que melhor sobem

Central Garage, F. S. Martinho & C.ª
Accessorios e officinas de reparações
Rua da Escola Polytechnica, 225 227
228 e 231, Lisboa.

PEÇAM
EM TODA A PARTE

Agua's mineras do Monte Banão



R. Arco Bandeira, 216, 2.º

LISBOA

Agua's mineras do Monte Banão